

Diversidade sexual na Educação de Jovens e Adultos (EJA): a percepção dos/as educandos/as sobre a homossexualidade

JERRY ADRIANI DA SILVA

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Professor da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte-MG.
Diretor da Escola Municipal Ana Alves Teixeira. e-mail: jerryeja@yahoo.com.br

LEÔNICIO SOARES

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP); Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.
e-mail: leonciogsosares@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este texto consiste em um recorte da tese de doutorado intitulada *Diversidade Sexual na Educação de Jovens e Adultos (EJA): limites e possibilidades da efetivação do direito à educação*. A referida tese buscou entender as desestabilizações provocadas pela chegada de estudantes LGBTs nas turmas de EJA e alcançou duas escolas, duas estudantes matriculadas em uma das escolas, uma professora, um professor, uma coordenadora, uma diretora escolar e uma gestora da secretaria municipal de educação que participaram de entrevistas semiestruturadas e mais de oitenta estudantes que responderam a um questionário. Interessada em saber do movimento da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH) que, apesar de sua história de avanços (e retrocessos) na formulação e construção da política e das práticas pedagógicas para a EJA, ainda lidava com os desafios de considerar as especificidades do público atendido, sobretudo daquele que emerge da população LGBTs, a pesquisa realizou ainda consultas aos acervos históricos, documentais e digitais de setores públicos, observações, gravações de entrevistas, depoimentos e testemunhos nas instituições pesquisadas e outros locais em ocorreriam atividades com e para as pessoas pertencentes aos segmentos LGBTs.

O fragmento apresentado ateu-se à percepção dos/as educandos/as da EJA a respeito das homossexualidades masculina e feminina. Para isso, foram escolhidas quatro perguntas (dentre as quarenta e quatro do questionário aplicado aos estudantes pesquisados) que estão diretamente ligadas à temática: (1) “O que você sente ao ver duas mulheres andando de mãos dadas em locais públicos?”; (2) “O que você sente ao ver dois homens andando de mãos dadas em locais públicos?”; (3) “O que você sente ao ver dois homens se beijando em locais públicos?”; e (4) “O que você sente ao ver duas mulheres se beijando em locais públicos?”.

Aparentemente, o preconceito é menor em relação à homossexualidade feminina, em comparação à masculina, porém, por trás dessa suposta menor intensidade de preconceito, existe um ainda maior, que é a misoginia: quando o masculino não reconhece a existência ou a possibilidade de prazer por parte da sexualidade feminina, em decorrência disso, as mulheres sofrem mais violência quando fogem dos papéis sociais estabelecidos para o sexo feminino: esposas, mães, do lar. Assim, uma questão que emerge na análise dos dados extraídos das referidas perguntas do referido questionário é a da misoginia.

Para subsidiar essa discussão, recorreremos ao conceito de homofobia proposto por Borrillo (2011), que questiona a rigidez da oposição binária homem (macho)/mulher (fêmea) e ressalta a importância de se considerar a questão da diversidade em abordagens pedagógicas com os/as estudantes da modalidade EJA.

DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Existe uma ligação intrínseca entre a realidade dos/as estudantes da modalidade EJA e a questão da diversidade. São muitas as diversidades presentes entre os/as educandos/as da EJA: a diversidade etária/geracional, a sexual, a étnico-racial, a cultural, a de vulnerabilidades sociais, a religiosa, entre outras. Consideramos que a abordagem de uma proposta pedagógica que tenha como foco o sujeito precisa buscar, incessantemente, o conhecimento e o reconhecimento das especificidades dos/as educandos/as dos sujeitos educandos da EJA, ou seja, buscar estratégias para conhecer e reconhecer entre os/as estudantes a presença das diversidades mencionadas e fazer delas, objetos de reflexão e análises no cotidiano das práticas pedagógicas. Sobre as especificidades desses/as educandos/as, Haddad (2011) nos lembra que

aqueles que demandam as vagas na EJA são os mais pobres, os extratos mais baixos da hierarquia social, os afrodescendentes, aqueles que vivem nas zonas rurais e nas periferias dos grandes centros urbanos, nas pequenas cidades do norte e do nordeste brasileiro, aqueles excluídos dos direitos sociais básicos, aquele que tem mais dificuldade em fazer valer seus interesses (Haddad, 2011, p. 8).

Assim algumas questões tornam-se fundamentais numa proposta pedagógica de trabalho na modalidade EJA: “Quais as especificidades dos/as educandos/as da EJA?”; “Como reconhecer essas especificidades de tais educandos/as?”. Para responder a essas questões, torna-se necessário o olhar na perspectiva dos direitos humanos, uma compreensão de que o/a educando da EJA é aquele que encontrou uma *pedra no caminho* em seu processo de escolarização, seja porque teve seu direito à educação negado, seja porque não conseguiu êxito nos estudos enquanto cursava o Ensino Fundamental quando era criança. A sensibilidade para com esse/a educando/a nos parece ser algo primordial, o que torna desafiador o trabalho pedagógico na EJA, e aqui está um dos argumentos centrais para justificar a importância da formação docente inicial e continuada, visando subsidiar o/a professor/a no processo de superação de desafios pedagógicos, no trato com as especificidades marcadas por fragilidades/vulnerabilidades sociais.

Sobre a questão da vulnerabilidade social dos sujeitos educandos/as, Silva (2010) constatou que, no contexto de vulnerabilidades dos/as educandos/as da EJA, aquela que se manifesta de forma mais intensa/extrema é a da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBTs). Percebeu que, dentre as pessoas excluídas do processo de escolarização, existe o grupo da diversidade sexual que está no extremo da exclusão.

A diversidade sexual precisa ser um dos aspectos centrais quando se propõe trabalhar pedagogicamente as especificidades dos/as educandos/as na modalidade EJA. A diversidade sexual corresponderia a todas as formas de manifestação da sexualidade fora da oposição binária homem (macho) x mulher (fêmea). A diversidade sexual inclui a oposição binária como forma de manifestação da sexualidade, ou seja, os heterossexuais também fazem parte da diversidade, uma vez que é uma forma de manifestação específica da sexualidade. Nesse sentido, vale ressaltar também que a diversidade sexual

expressa a noção de que há uma multiplicidade de identidades, desejos e práticas sexuais que envolve as relações humanas. Pode ser entendido como o oposto de unicidade ou monismo sexual. Muitos militantes rejeitam esta denominação por não implicar identidades e demandas específicas, além de incluir desejos e práticas por eles discriminadas (ex.: zoofilia, pedofilia, coprofagia e muitas outras) (Prado; Machado, 2008, p. 140).

É importante ressaltar que neste artigo a discussão sobre diversidade sexual na EJA se restringe à percepção dos/as educandos/as sobre a homossexualidade masculina e feminina. Trata-se de um recorte. Na tese outros atores/sujeitos são abordados como, por exemplo, as transexuais, que sofrem preconceito muito mais intenso, pois existe uma hierarquia de valor quando se trata das identidades sexuais.

A PERCEPÇÃO DOS/AS EDUCANDOS/AS DA EJA
SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA E FEMININA

Um ponto central, ao abordarmos as temáticas da homossexualidade masculina e feminina, ou seja, do que significa ser homem e do que significa ser mulher, é o questionamento da inflexível oposição binária masculino (macho)/ feminino (fêmea). Neste momento, é importante apresentar duas definições: a de orientação sexual, que está relacionada à direção do desejo sexual, ou seja, para onde se destina o desejo sexual; e a de identidade de gênero, que diz respeito ao gênero (masculino ou feminino) com o qual o sujeito se identifica. Assim, ser homem e ser mulher passa a ser visto como algo não fixo, mas sim móvel, inconcluso. Se consideramos que essa oposição binária é fixa, o sentido da discussão é totalmente esvaziado; essa seria uma concepção biológica, essencialista. O que percebemos é que as identidades sexuais vão muito além da referida oposição binária, trata-se de identidades móveis, identidades em construção; o sujeito pode, inclusive, transitar entre uma identidade e outra, como é o caso do/a transgênero. Assim,

muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos “naturalmente”. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (Louro, 2015, p. 11).

Dessa forma, as denominações masculino e feminino seriam importantes apenas para dar uma certa inteligibilidade ao mundo e jamais para demarcar fronteiras rígidas entre o masculino e o feminino. Essa é a concepção defendida em todo o texto da tese de doutorado sobre diversidade sexual na EJA na qual este artigo foi inspirado.

Outro aspecto muito importante é situarmos a homossexualidade masculina e feminina dentro da definição de homofobia. Borrillo (2010) desmembra esse

assunto em homofobia geral e homofobia específica. A geral seria o preconceito, marcado por rejeição, e às vezes, ódio, direcionado a todas as pessoas que possuem uma identidade sexual que não se encaixa dentro do modelo heterossexual, bem como a “vigilância do gênero” que age incessantemente no tecido social com o objetivo de honrar a rigidez/fixidez da oposição binária homem (macho)/ mulher (fêmea). Já a homofobia específica seria o preconceito, marcado por rejeição e, às vezes, ódio, voltado especificamente para gays e lésbicas; dessa forma, a denominação específica desses dois preconceitos seria gayfobia e lesbofobia, respectivamente.

Comparando a gayfobia com a lesbofobia, percebe-se que a lesbofobia possui uma especificidade.

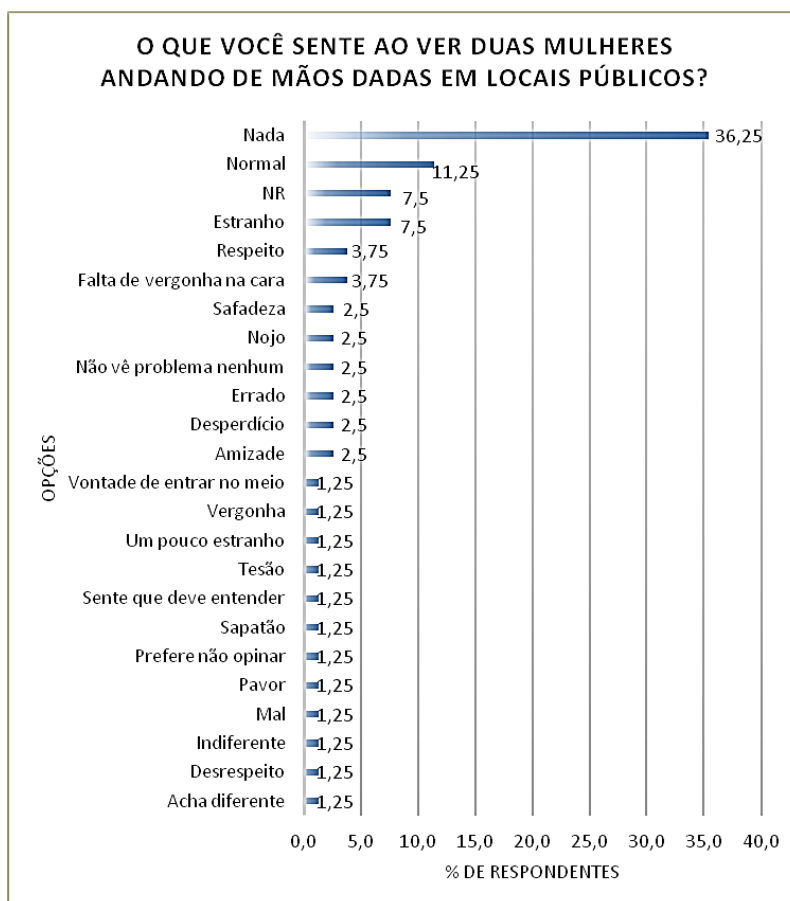
A lesbofobia constitui uma especificidade no âmago de outra: com efeito, a lésbica é vítima de uma violência particular, definida pelo duplo desdém que tem a ver com o fato de ser mulher e homossexual. Diferentemente do gay, ela acumula as discriminações contra o gênero e contra a sexualidade (Borrillo, 2010, p. 27).

Agora vamos à análise das respostas das quatro perguntas que buscam retratar a percepção dos/as educandos/as da EJA pesquisados/as sobre a homossexualidade masculina e feminina.

As opiniões dos/as 80 estudantes pesquisados/as sobre a homossexualidade feminina são diversificadas. A partir da pergunta “O que você sente ao ver duas mulheres andando de mãos dadas em locais públicos?”, foram criados quatro grupos de respostas. O primeiro grupo refere-se àqueles/as educandos/as que sentem que tal atitude é normal e, somando-se às categorias “Nada”, “Normal”, “Respeito”, “Não vê problema nenhum”, “Amizade”, “Sente que deve entender” e “Indiferente”, temos um total de 58,75% dos/as estudantes pesquisados/as. O segundo grupo é formado pelos/as educandos/as que sentem repúdio diante da situação em questão e, somando as categorias “Falta de vergonha na cara”, “Safadeza”, “Nojo”, “Errado”, “Mal”, “Sapatão”, “Pavor”, “Desrespeito”, temos um total de 16,25%. O terceiro grupo é formado pelos/as estudantes que sentem estranhamento diante da referida atitude e, somando as categorias “Estranho”, “Um pouco estranho”, “Acha diferente” e “Vergonha”, temos um total de 11,25%. O quarto grupo é formado pelos/as estudantes que se sentem excitados/as sexualmente diante da situação e, somando as categorias “Desperdício”, “Vontade de entrar no meio” e “Tesão”, temos um total de 5%. Apenas um/a estudante (1,25%) preferiu não opinar e 7,5% não responderam.

GRÁFICO 1

Dados sobre os sentimentos dos/as estudantes pesquisados/as, ao verem duas mulheres andando de mãos dadas em locais públicos

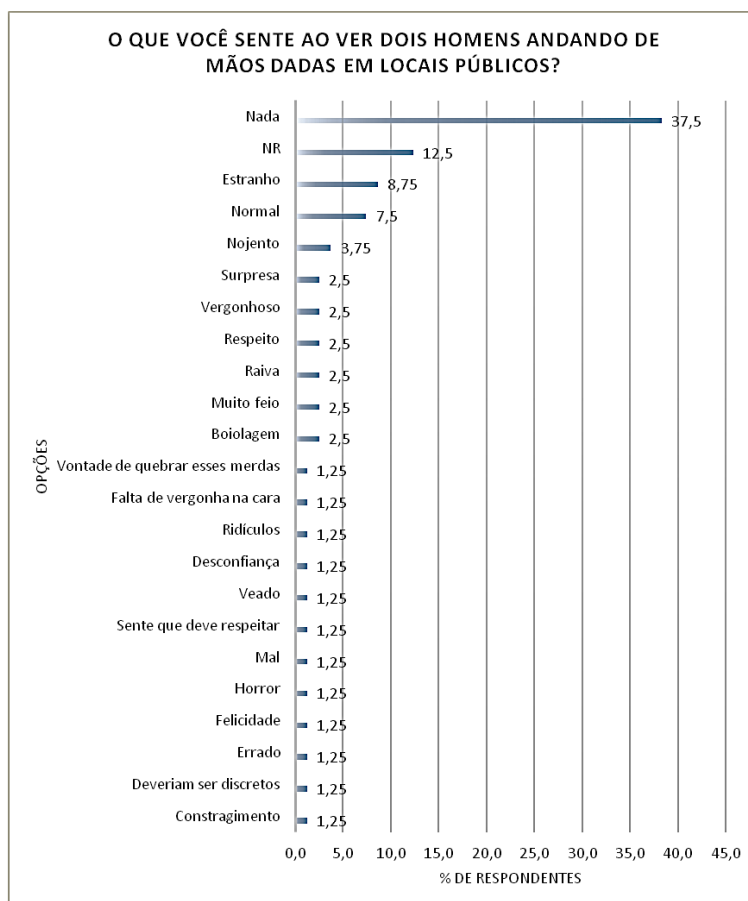


Fonte: Dados do questionário da pesquisa “Diversidade Sexual na Educação de Jovens e Adultos (EJA): limites e possibilidades da efetivação do direito à educação” obtidos em 2015.

Esses/as estudantes pesquisados/as também apresentam dificuldade em ver dois homens andando de mãos dadas em locais públicos. A partir da pergunta “O que você sente ao ver dois homens andando de mãos dadas em locais públicos?”, criamos quatro grupos de respostas. O primeiro grupo de estudantes interpreta a situação descrita acima como normal e, somando as categorias “Nada”, “Normal”, “Respeito”, “Felicidade” e “Sente que deve respeitar”, tem-se um total de 50% do universo pesquisado. O segundo grupo é formado pelos/as educandos/as que sentem repúdio diante da referida situação e, somando as categorias “Nojento”, “Vergonhoso”, “Muito feio”, “Boiolagem”, “Falta de vergonha na cara”, “Ridículos”, “Mal”, “Errado”, “Deveriam ser discretos”, “Constrangimento” e “Veado”, tem-se um total de 20%.

GRÁFICO 2

Dados sobre os sentimentos dos/as estudantes pesquisados/as, ao verem dois homens andando de mãos dadas em locais públicos



Fonte: Dados do questionário da pesquisa “Diversidade Sexual na Educação de Jovens e Adultos (EJA): limites e possibilidades da efetivação do direito à educação” obtidos em 2015.

O terceiro grupo é formado pelos/as estudantes que sentem um estranhamento diante da situação e, somando as categorias “Estranho”, “Desconfiança” e “Surpresa”, temos um total de 12,5%. O quarto grupo é formado pelos/as estudantes que sentem ódio e, somando as categorias “Raiva”, “Vontade de quebrar esses merdas” e “Horror”, temos um total de 4,9%. Os/as que não responderam a essa questão representam 12,5% do universo pesquisado.

Ao comparar os dados desses dois primeiros gráficos, percebe-se que a dificuldade dos/as estudantes pesquisados/as é maior em ver homens do que mulheres andando de mãos dadas em locais públicos. Sugerem, portanto, num primeiro momento, que a intolerância com a homossexualidade masculina é maior

do que com a feminina. Enquanto 28,8% dos/as estudantes pesquisados/as repudiam a atitude de dois homens andando de mãos dadas em locais públicos, apenas 16,5% deles/as repudiam a mesma atitude em relação às mulheres.

No entanto, num segundo momento, fazendo uma análise mais profunda, pode-se dizer que o preconceito em relação à homossexualidade feminina é ainda maior que em relação à masculina. Esse argumento é defendido por Borrillo (2010):

Se as lésbicas foram, visivelmente menos perseguidas que os gays, tal constatação não deve ser interpretada, de modo algum, como indício de uma maior tolerância a seu respeito; pelo contrário, essa indiferença nada mais é do que o sinal de uma atitude que manifesta um desdém muito maior, reflexo de uma misoginia que, ao transformar a sexualidade feminina em um instrumento do desejo masculino, torna impensáveis as relações erótico-afetivas entre mulheres. A iconografia pornográfica heterossexual ilustra perfeitamente essa realidade: os jogos sexuais entre mulheres são sistematicamente representados para excitar o homem, e, mesmo que elas deem a impressão de ter prazer, o desfecho do espetáculo sexual é sempre protagonizado pela penetração e pela ejaculação do homem (Borrillo, 2010, p. 28-29).

O autor continua sua argumentação a respeito da misoginia:

O menosprezo dos homens pela sexualidade feminina – incluindo a da lésbica, considerada como inofensiva – transforma-se em violência quando as mulheres contestam o *status* atribuído a seu sexo, ou seja, quando elas rejeitam ser esposas e mães (Borrillo, 2010, p. 29).

O referido autor ainda continua sua argumentação em relação à profunda discriminação que ocorre em relação às lésbicas:

[...] a caricatura antifeminista transformou a mulher autônoma em uma lésbica e a própria lésbica em uma personagem invisível, discreta, simples vítima de um sentimento necessariamente passageiro e suscetível de “reparação” pela intervenção salutar de um homem “de verdade” (Borrillo, 2010, p. 29-30).

Romper o silêncio sobre a questão da homofobia nas escolas e na sociedade é o argumento principal da tese de doutorado que inspirou esta reflexão: é de fundamental importância abordar a temática da sexualidade nas escolas na perspectiva anti-homofóbica, marcada pelo diálogo, mas sobretudo fazendo o contraponto às ações, atitudes e discursos que caminham na perspectiva homofóbica. O silêncio que se verifica na escola e na sociedade sobre sexo é, na maioria das vezes, na perspectiva anti-homofóbica, dos direitos humanos, do direito de todos/as a uma vida digna.

Importante ressaltar que a dinâmica da homofobia é tão completa no sentido de perpassar toda a sociedade que, até mesmo os homens heterossexuais, podem ser considerados vítimas. Verifica-se que

A construção da masculinidade dentro do quadro das normas de gênero e da heteronormatividade (e outros arsenais) configura-se, portanto, em um processo de altas doses de cerceamento, fazendo com que a parte dominante (o elemento “masculino”) seja ironicamente “dominada por sua própria dominação” (Junqueira, 2009, p. 21).

Evidentemente que o sentido de vítima aqui expressado é muito mais suave do que a violência verbal e física que está presente na vida cotidiana das pessoas que compõem os segmentos LGBTs.

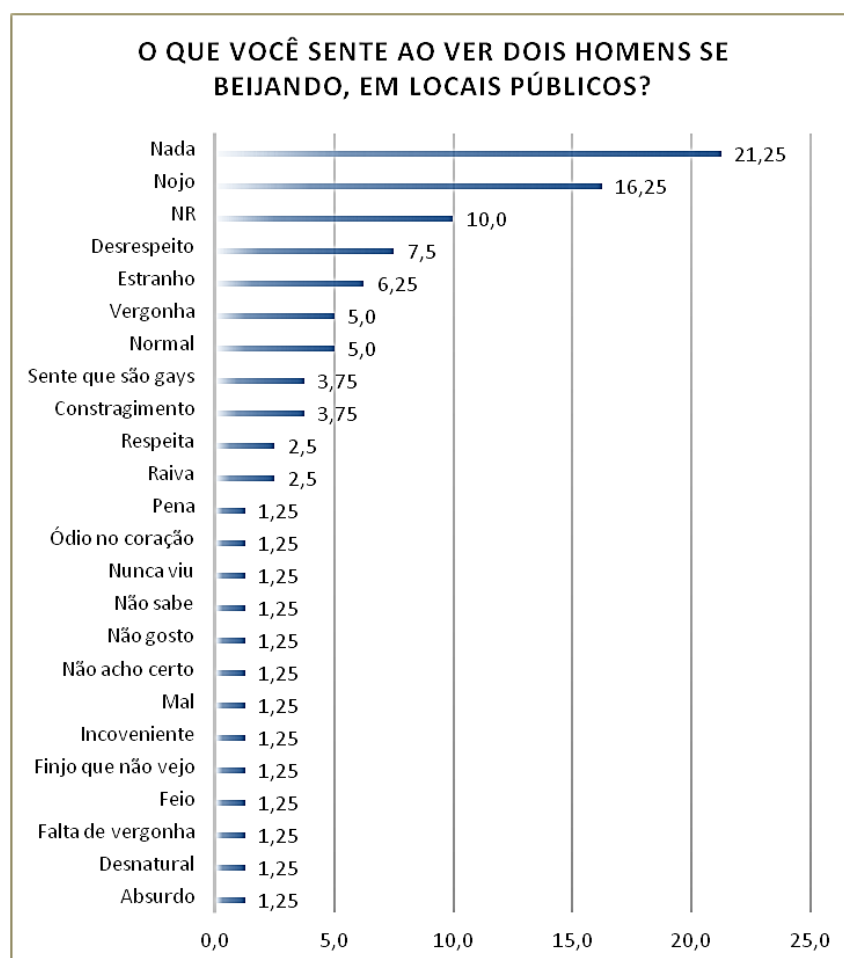
Outro elemento presente nos dados de campo é que, para mais da metade dos/as 80 estudantes pesquisados/as, presenciar dois homens se beijando em local público não é desconfortável. A partir da pergunta “O que você sente ao ver dois homens se beijando em locais públicos?”, elaboramos quatro grupos de respostas. O primeiro grupo de respostas é formado por aqueles/as estudantes que sentem que essa atitude é errada e, somando as categorias “Nojo”, “Desrespeito”, “Pena”, “Não acho certo”, “Não gosto”, “Inconveniente”, “Mal”, “Feio”, “Finjo que não vejo”, “Desnatural”, “Falta de vergonha” e “Absurdo”, tem-se um total de 36,25% do universo pesquisado. O segundo grupo de estudantes é formado por aqueles/as que têm posição de naturalidade diante da situação e, somando-se as categorias “Nada”, “Normal”, “Sente que são gays” e “Respeita”, tem-se um total de 32,5%. O terceiro grupo de respostas é composto pelas respostas dos/as estudantes que se declaram constrangidos/as com a situação e, somando-se as categorias “Estranho”, “Vergonha” e “Constrangimento”, tem-se um total 15%. Por último, o quarto grupo é formado por aqueles/as com sentimentos negativos diante da situação e, somando as categorias “Raiva” e “Ódio no coração”, tem-se um total de 3,75%. Os que “Não sabem”, “Nunca viu” ou não responderam, correspondem a 12,5% dos/as respondentes.

Um dado, em especial, mereceu destaque: um estudante respondeu que “sente ódio no coração” ao ver dois homens se beijando em locais públicos. Para compreender essa fala é necessária uma reflexão sobre uma questão, defendida por Foucault (2014), Prado e Machado (2008), Junqueira (2009), Louro (2015), entre outros, de que o preconceito é uma construção histórica, social e cultural. A expressão de Mandela (1994) exemplifica a construção social do preconceito: “Ninguém nasce odiando. O ódio é ensinado”. Assim, acredita-se que esse/a estudante não nasceu com preconceito, ele/a aprendeu a ter preconceito nas tramas das suas relações sociais e nos processos de interiorização e incorporação de determinados comportamentos. Verifica-se também que algo presente na homofobia é o ódio,

conforme nos mostra Borrillo (2010, p. 13): “Mesmo que seu componente primordial [da homofobia] seja, efetivamente, a rejeição irracional e, até mesmo, o ódio em relação a gays e lésbicas, a homofobia não pode ser reduzida a esse aspecto.” Aqui o autor apresenta a definição de homofobia específica e defende que a homofobia geral possui uma amplitude maior e abrange todos os segmentos LGBTs.

GRÁFICO 3

Dados sobre os sentimentos dos/as estudantes pesquisados/as, ao verem dois homens se beijando em locais públicos



Fonte: Dados do questionário da pesquisa “Diversidade Sexual na Educação de Jovens e Adultos (EJA): limites e possibilidades da efetivação do direito à educação” obtidos em 2015.

Vale ressaltar que, provavelmente, esse processo de aprendizagem pelo qual esse/a estudante passou é automático, sem autorreflexão. Uma verdade transmitida, que vem de fora do sujeito; um processo que acontece com todos nós até

começarmos a questionar a partir de outro aprendizado em sentido contrário. Isso porque o ser humano não nasce homofóbico, portanto, a homofobia é um preconceito aprendido e, se é aprendido, é porque é ensinado.

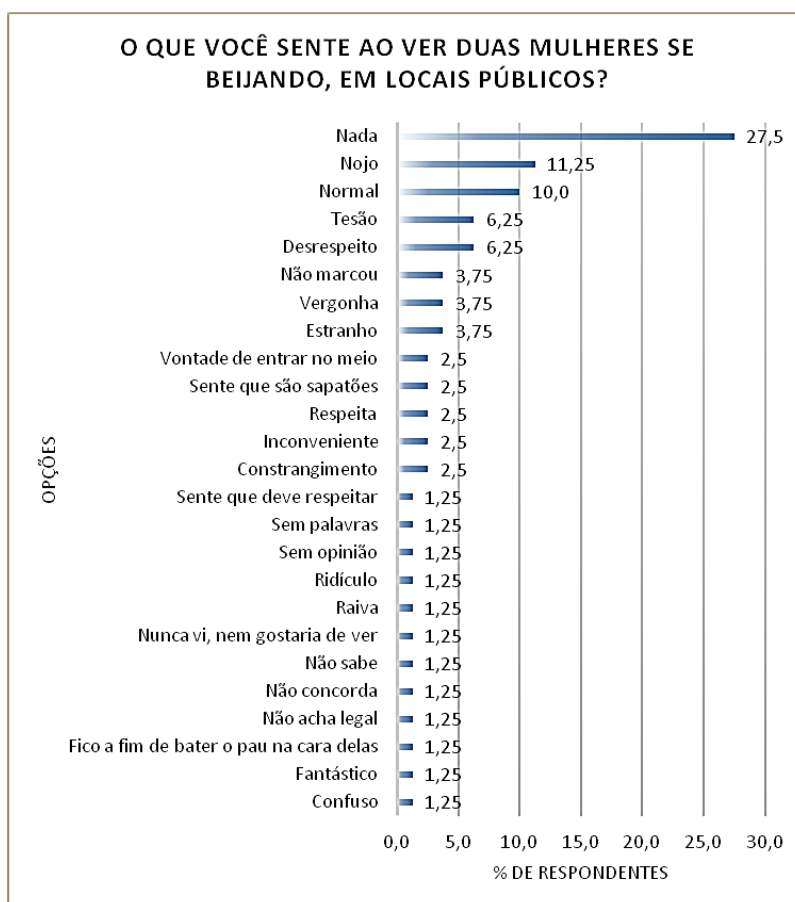
Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade (Louro, 2015, p. 29).

Se compararmos as respostas sobre o que os/as estudantes pesquisados/as sentem quando veem dois homens andando de mãos dadas em locais públicos com as respostas deles/as sobre o que sentem ao ver dois homens se beijando em locais públicos, percebe-se que o preconceito é maior em relação ao beijo do que em relação ao andar de mãos dadas. A lógica parece ser a de que, quanto mais intimidade em público, maior o repúdio, maior a rejeição e, às vezes, a raiva e o ódio. Vale lembrar que essa lógica é muito mais rigorosa do que aquela que vigora em relação aos heterossexuais, e é justamente por isso que estamos aqui refletindo sobre esse preconceito.

Outro dado da pesquisa ressalta que, na percepção de menos da metade dos/as estudantes pesquisados/as, presenciar duas mulheres se beijando em locais públicos é difícil. A partir da pergunta “O que você sente ao ver duas mulheres se beijando em locais públicos?”, elaboramos cinco grupos de repostas. O primeiro grupo é formado pelos/as estudantes que sentem que a atitude em questão é normal e, somando-se as categorias “Nada”, “Normal”, “Respeita” e “Sente que deve respeitar”, tem-se um total de 41,25% do universo de estudantes pesquisados/as. O segundo grupo é formado pelos/as que repudiam essa situação e, somando-se as categorias “Nojo”, “Desrespeito”, “Inconveniente”, “Sente que são sapatões”, “Ridículo”, “Nunca vi, nem gostaria de ver”, “Não acha legal” e “Não concorda”, tem-se um total de 27,5% dos/as pesquisados/as. O terceiro grupo é o que se sente constrangido com a situação em questão e, somando-se as categorias “Vergonha”, “Estranho”, “Constrangimento”, e “Confuso”, tem-se um total de 11,25%. O quarto grupo é o que apresenta sentimentos de excitação sexual e, somando-se as categorias “Tesão”, “Vontade de entrar no meio” e “Fico a fim de bater o pau na cara delas”, tem-se um total de 10%. O quinto grupo é composto por sentimentos extremos e, somando-se as categorias “Raiva” e “Fantástico”, tem-se um total de 2,5%. Os “Sem palavras”, “Sem opinião”, “Não sabem” ou não responderam, totalizam 7,5%.

Também nos chama a atenção o seguinte aspecto: os/as estudantes pesquisados/as têm maior rejeição/preconceito ao ver duas mulheres se beijando em locais públicos do que duas mulheres que estejam andando de mãos dadas.

GRÁFICO 4
 Dados sobre os sentimentos dos/as educandos/as pesquisados/as,
 ao verem duas mulheres se beijando em locais públicos



Fonte: Dados do questionário da pesquisa “Diversidade Sexual na Educação de Jovens e Adultos (EJA): limites e possibilidades da efetivação do direito à educação” obtidos em 2015.

Essa é a mesma lógica verificada no caso dos homens em situação semelhante: quanto maior a intensidade da intimidade maior é o preconceito, todavia, vale relembrar que tais sentimentos não são sentidos da mesma forma quando se trata de um casal heterossexual.

Por fim, acerca da percepção dos/as educandos/as da EJA sobre a homossexualidade, num primeiro momento tem-se a impressão de que a homossexualidade feminina é mais aceita que a homossexualidade masculina; no entanto, verifica-se, num segundo momento da análise, que o preconceito contra a sexualidade feminina é ainda maior em virtude da misoginia que invisibiliza (não reconhece)

o prazer feminino. Nota-se que quanto maior a intensidade da intimidade, seja na homossexualidade masculina, seja na feminina, maior a intensidade do preconceito, o que reitera a necessidade de investimento na formação docente e nas ações de formação com os/as educandos/as em que a temática “sexo e da sexualidade numa perspectiva anti-homofóbica” possa contribuir com o rompimento do silêncio que continua promovendo o preconceito e a exclusão de educandos/as das turmas de EJA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta que, embora sejam construções sociais, muitas formas de preconceito e de discriminação se manifestam vindo de dentro do próprio grupo e prejudicando o mesmo, não seria importante viabilizar estratégias de problematização e desnaturalização dessa realidade, como diz Freire (2011), *com a participação dos/as estudantes no cotidiano da escola?*

Para fazer um contraponto ao discurso homofóbico sobre sexualidade dominante em nossa sociedade e nas escolas, uma estratégia importante é apresentar o discurso da sexualidade na perspectiva anti-homofóbica via formação docente sobre a diversidade na EJA. Nesse sentido,

essa demanda nos remete à discussão sobre a formação de educadores de EJA, uma vez que, na grande maioria, eles só começam a ter contato com as teorias e ideias relacionadas a essa modalidade depois de já estarem atuando em sala de aula. Muitos deles se iniciam, primeiramente, em algum projeto ou programa de EJA, para depois ter uma formação inicial ou continuada nas universidades (Soares, 2008, p. 65).

Enfim, um ponto central no combate à homofobia como aos outros preconceitos que envolvem a questão da diversidade na modalidade EJA: torna-se de fundamental importância em qualquer proposta pedagógica de EJA o desenvolvimento de um olhar sensível às intensas vulnerabilidades sociais que envolvem os/as educandos/as. É necessário um olhar humano, um olhar sem preconceitos, um olhar do acolhimento, um olhar que consiga conhecer e compreender as especificidades dos sujeitos educandos/as, que, muitas vezes, encontram-se em situação de elevadíssima vulnerabilidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Borrillo, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

- Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- Foucault, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- Haddad, Sérgio. "Prefácio", in: Soares, Leôncio (org.). *Educação de Jovens e Adultos: o que revelam as pesquisas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 15-22.
- Junqueira, Rogério Diniz. "Homofobia nas Escolas: um problema de todos", in: Junqueira, Rogério Diniz (org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/UNESCO, 2009. p. 13-51.
- Louro, Guacira Lopes. "Pedagogias da Sexualidade", in: Louro, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 7-34.
- Mandela, Nelson. *Long Walk Freedom: Biography of Nelson Mandela*. Boston: Back Bay Books, 1994.
- Prado, Marco Aurélio Máximo; Machado, Frederico Viana. *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.
- Silva, Jerry Adriani da. *Diversidade Sexual na Educação de Jovens e Adultos (EJA): limites e possibilidades da efetivação do direito à educação*. Orientador: Leôncio Soares. 2016. 315f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- Silva, Jerry Adriani da. *Um estudo sobre as especificidades dos/as educandos/as da Educação de Jovens e Adultos – EJA: tudo junto e misturado!* 2010. 195f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- Soares, Leôncio. "Avanços e Desafios na Formação do Educador de Jovens e Adultos", in: Machado, Maria Margarida (org.). *Formação de educadores de jovens e adultos*. Brasília: SECAD/MEC/UNESCO, 2008, p. 57-71.

Artigo recebido em 15/06/2017; aprovado para publicação em 11/08/2017

RESUMO: Os objetivos deste artigo são: apresentar uma discussão sobre a percepção dos/as educandos/as da EJA sobre a homossexualidade, questionar a oposição binária homem/mulher, abordar a questão da misoginia e contribuir com a inclusão das pessoas LGBTs. É um recorte da pesquisa de doutorado *Diversidade Sexual na Educação de Jovens e Adultos (EJA): limites e possibilidades da efetivação do direito à educação*, defendida em 2016 na Universidade Federal de Minas Gerais. As análises dos dados, balizadas por teorias e reflexões acerca de temáticas cotidianas como corpo, uso do banheiro, nome social, religião, diversidade etária e geracional, território, dentre outras, fortaleceram o argumento de que, dependendo da cultura presente na convivência da EJA, emerge ou declina o preconceito sexual e a homofobia; e sustentaram a tese de que a homofobia é uma barreira na efetivação do

direito à educação e precisa ser enfrentada, por meio da construção de uma prática discursiva anti-homofóbica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos (EJA). Diversidade Sexual. Vulnerabilidade social. Homossexualidade masculina e feminina. Homofobia. Misoginia.

ABSTRACT: The objectives of this article are: to present a discussion about EJA students on the perceptions of homosexuality, to question the binary male/female opposition, to address the issue of misogyny and to contribute to the inclusion of LGBT people. This is a part of the doctoral research called *Sexual Diversity in the Education of Young People and Adults: limits and possibilities of the realization of the rights to education*, presented in 2016 at the Federal University of Minas Gerais. The analysis of the data, based on theories and reflections on everyday subjects such as body, bathroom, social name, religion, age and generational diversity, territory, among others, strengthened the argument that depending on the culture present in the EJA, the coexistence of sexual prejudice and homophobia emerges or declines, supporting the thesis that homophobia is a barrier to the realization of the right to education and needs to be addressed through the construction of an anti-homophobic discursive practice.

KEYWORDS: Youth and Adult Education (EJA). Sexual diversity. Social vulnerability. Male and female homosexuality. Homophobia. Misogyny.